

Um executivo empreendedor

LUIZ FERNANDO VICTOR

Conheço Darcy Ribeiro desde 1961, em Belo Horizonte. Tinha eu 23 anos. Eu era Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG e o convidara para um seminário sobre *Universidade Brasileira e a Universidade de Brasília*.

Eu me lembro do jantar que nós lhe oferecemos e o ardor com que difundia suas idéias (nesta mesma época, estiveram no Diretório Celso Furtado e Caio Prado Júnior e, logo após, Darcy me presenteou, naquele ano, com um livro sobre a UnB, escrito por ele, com uma dedicatória premonitória: “A Luiz Fernando, um esboço da Universidade Utopia”).

Darcy se destaca pela convicção, pela vontade de trabalhar, de realizar coisas; pela clareza de seus objetivos e metas; por buscar o que de melhor em recursos humanos tem o País — tanto os formadores de quadros como Leite Lopes, Celso Furtado, Oscar Niemeyer, Amílcar Viana Martins, Antonio Houaiss, Eduardo Galvão (presente na minha memória como uma das pessoas de maior valor que conheci em minha via: sábio, humano, modesto e brincalhão), Victor Nunes Leal e muitos outros, como nós “Bagrinhos”, liderados por Helio Pontes, Alvaro Fortes Santiago (o mais moderno, objetivo e competente economista que conheci) e outros.

Como verdadeiro líder, Darcy não teme a força de seus associados e subordinados... ele (nos) encoraja e... sempre mostra um grande orgulho de todos nós (é de Peter Drucker quase toda a frase). No modelo de liderança de Drucker, Darcy é “um líder pessoalmente vaidoso... em um grau quase patológico... mas sempre quis ao seu lado pessoas capazes, independentes e autoconfiantes; jamais desejou ser servido pela mediocridade”.

Por isso venceu como EXECUTIVO. A essência de toda a sua vida como gerenciador da coisa pública, foi a eficácia da organização, seu desempenho, realizações, metas. No modelo de Herbert Simon (o professor de administração que ganhou o Prêmio Nobel de Economia, falando sobre organização e seu processo decisório), Darcy se enquadra na linha dos executivos natos e que, à força do trabalho, da dedicação e da seriedade, transformam a humanidade — sua época, seu tempo.

Sempre foi motivo de chacota — da reunião de intelectuais, passando por políticos, empresários e conversas em particular — a minha afirmação de que Darcy é o melhor executivo e empreendedor que conheci em minha vida.

O motivo da chacota sempre foi a afirmação açodada que, em matéria administrativa, Darcy é um “desastrado”. Confundem, ao assim pensar, algumas afirmações de Darcy e não vêem suas realizações.

Vamos a elas:

UnB — Universidade de Brasília. O modelo montado em 1960 por Darcy Ribeiro ainda é mais válido do que o existente hoje nas universidades brasileiras, servindo de parâmetro para todos, inclusive a própria UnB, deformada pela irresponsabilidade, mediocridade e força policial.

Mesmo a ditadura não conseguiu destruir o que Darcy deixou para a UnB: um patrimônio fantástico, que ainda estará aí, em 500 anos, quando de nós não restar nem lembranças, há muito tempo.

Os escolões (brizolões), escolinhas e creches que no Rio de Janeiro atendem a mais de 500 mil crianças. Durante quatro anos, Darcy viabilizou, numa cidade conturbada como o Rio, 500 terrenos com todas as demandas jurídicas, populacionais, políticas, policiais, para a implantação de suas escolas. Quem conhece o setor sabe o que isso significa em termos de realização.

Inclua-se aí o Sambódromo, uma escola para mais de 6.000 crianças e que, no Carnaval, serve de palco para o Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro — o maior espetáculo da Terra. Não se pode esquecer a Biblioteca da Presidente Vargas, que, aliás, tem uma historinha interessante.

Em 1986, Darcy, candidato a Governador pela situação e ainda Secretário de Cultura, solicitou a Celina Vargas do Amaral Peixoto (acho que é este o nome todo), então esposa de Moreira Franco, candidato da oposição ao Governo, que indicasse um nome para a Direção da Biblioteca. Celina indicou e a pessoa tomou posse.

Eu, presente, estranhei que Darcy, candidato a nosso ver já vitorioso, pedisse à mulher do adversário a indicação do nome. Darcy então me disse: “E se eu perder? O Moreira fecha a biblioteca no dia de sua posse. Ele está dizendo que vai tocar os “Brizolões”. É mentira. Se ganhar vai parar tudo. Eu quero salvar a biblioteca”. E salvou. Não deu outra. Moreira mandou fechar e teve que reabrir, por exigência de sua mulher, Celina.

É esse o papel do líder que está mais preocupado com o desempenho da organização que com sua imagem. Embora todo discurso aparente de Darcy pareça o contrário.

Fora do Governo — 1987 — foi para Belo Horizonte, onde montou um projeto de escolas para o Governador, que não o tocou. Voou para São Paulo e foi responsável pelo projeto, execução e implantação do Memorial da América Latina. Chamado de novo ao Governo Brizola, terminou suas escolas e montou o projeto dos CAICs, do Governo Federal (uma adaptação do modelo que desenvolveu em Belo Horizonte).

E, novamente, planta as sementes de uma nova Universidade — a Universidade do Norte Fluminense — já com parte significativa do Campus instalada e operando.

Enquanto Secretário da Cultura no primeiro Governo Brizola, escreveu, pelo menos, um livro por ano. De lá para cá, pelo menos 6 livros. Eleito Senador, não só produziu discursos no Senado que marcam a história do Congresso, como edita uma “revista pirata”, chamada cartas, falas, reflexões e memórias, disputadas a tapa pela intelectualidade brasileira.

Essas realizações, em síntese — sem tratar de seu trabalho no exterior, enquanto exilado — são alguns dos importantes trabalhos de Darcy Ribeiro.

Não poderia, no entanto, terminar essas linhas, sem contar um episódio que define, para todos nós amigos de Darcy, o quanto o admiramos — sem falar na singeleza da colocação de Cristovam Buarque que afirma: “Quando eu crescer eu quero ser Darcy Ribeiro”.

A frase me foi contada como tendo sido dita pelo Adolfo Bloch — da Revista/TV Manchete. Se não foi, desculpe-me Adolfo. Dizem que o Bloch, num dia de entusiasmo com o trabalho de Darcy, teria dito: “Se eu fosse mulher, eu dava pra você”.

Todos nós, seus irmãos, filhos e amigos, subscrevemos platonicamente.

■ O autor é professor de Administração da UnB, desde 1962, ex-presidente do Banco do Estado do Espírito Santo e atual Presidente do BRB.